

A outra família¹

Lana Beth Ayres Franco Araújo

Quando a menininha voltou para casa, já estava escurecendo. O pôr do sol do inverno tinha transformado o azul transparente do céu diurno num tom de aço, sobre o qual se viam algumas estrelas entalhadas, as árvores desfolhadas do inverno e os topos escuros e pontiagudos dos telhados das casas. Algumas janelas iluminadas lançavam um tímido brilho sobre a neve lá fora. A mãe ficou de pé à janela, observando a pequena figura encapuzada caminhando em direção à casa. A criança parecia uma sombra com o casaco azul se misturando às sombras da noite. Aquela criança, sozinha, aparentemente tão pequena, delicada e solitária, voltava para casa, caminhando pela calçada coberta de gelo e neve! Parecia irreal. E como aquela infância era diferente da que tivera, tão distante do sol, das árvores e das ruas cheias de gente, típicas de seu país. “O que foi que eu fiz”, pensou ela, “tirei-a de sua gente, de sua língua e, agora, ela volta para casa a pé, sozinha, por uma rua estranha num país chamado Canadá”.

Enquanto contemplava aquela figura movendo-se solitária, foi tomada por sua própria solidão, como uma mudança de maré. Ela havia se afastado de um mundo em que vivera e o qual entendia; agora estava ali, tão distante de sua própria casa quanto das casas que costumava olhar, quando passava pelas janelas que reluziam de tão limpas das casas de fachadas tratadas com jato de areia. E então a campainha da porta tocou e lá estava a filha retirando o excesso de neve das botas no capacho da porta.

O jantar era um momento agradável. Um momento caloroso, de colocar comida fumegante sobre a mesa. Um momento para se falar sobre os acontecimentos importantes do dia, um momento para cada uma contar o que havia aprendido. Às vezes, porém, ela ficava distraída, talvez preocupada com o trabalho, talvez apreensiva

¹ BANNERJI, Himani. The Other Family. Disponível em <<http://eckereng1d.files.wordpress.com/2012/09/the-other-family.pdf>> Acesso em maio 2014.

com as cartas que recebera da família e que a deixavam profundamente irritada. Aquela noite foi exatamente assim. Depois de se servir e servir a filha, ela começou a falar dos dois gatos, ficando em silêncio alguns minutos depois.

- Você não está prestando atenção, Mãe.

A voz queixosa lhe chegou aos ouvidos. Ela, então, olhou para o rosto indignado que requeria atenção do outro lado da mesa. A mãe se recompôs.

- E o que ele fez, quando você lhe deu a ração seca?

- Ah, não me lembro. Acho que ele arranhou o chão perto da tigela e saiu.

A menina riu.

- Foi bem esperto! Por que não compramos comida enlatada para eles?

- Talvez seja uma boa ideia. – respondeu, tentando mudar de assunto.

- Então, o que você fez na escola hoje?

- Ah, a gente desenhou do jeito que a gente faz todo dia. A gente nunca estuda nada – não do jeito que você disse que fazia na sua escola. A gente desenhou a família – a nossa família. Quer ver?

- Claro, mas vamos para a sala, ok? Aqui está bagunçado.

Arrastar de cadeiras e acender de luzes no outro cômodo. As duas saíram em disparada em direção à cadeira mais confortável. Chegando juntas, resolveram fazer um acordo.

- Por que não se senta no meu colo? Não? Ok. Sente-se ao meu lado então, e arrumamos um jeito de nos espremermos.

A semelhança entre os dois rostos era notável, sendo que o da menina tinha uma expressão mais intensa, em virtude dos olhos enormes. Tinha uma estrutura delicada e um cabelo negro lhe emoldurava o rosto. Naquele exato momento, brigava com o conteúdo da pasta escolar e, ao que parecia, tentava encontrar os desenhos.

- Olhe. – disse, retirando um pedaço de papel. – Olhe aqui a família.

A mãe passou um bom tempo observando o desenho. Ficou completamente imóvel. O rosto foi tomado por uma expressão de ódio e tristeza. Tentou a todo custo não chorar. Não queria assustar a menina, mas, ao mesmo tempo, o que viu fez com que se sentisse distante da filha, como se estivesse olhando para ela pelo outro lado de um telescópio. Não conseguia pronunciar uma palavra sequer. A garotinha também ficou imóvel, afastando-se um pouco da mãe, como se esperasse um tapa.

Cerrou os punhos, mas, finalmente, foi ela quem quebrou o silêncio.

- O que foi? – perguntou. – Não gostou?

- Preste atenção... – disse a mãe. - ... esta não é a sua família. Eu, você e seu pai temos a pele e o cabelo escuros. Eu não tenho uma peruca loura escondida no armário, meus olhos são negros, não azuis, e a barba do seu pai é preta, não ruiva. E você, por acaso, tem pele branca, nariz redondinho com sardas, olhos azuis, e cabelo louro preso num rabo de cavalo? Você disse que tinha desenhado a nossa família. Não é isto aqui, é?

Era evidente que a menina estava se sentindo encurralada. A princípio, ficou surpresa e amedrontada com a resposta da mãe, mas, depois, sentiu-se preparada para desafiá-la. Para argumentar ao seu próprio favor, a menina então lançou mão do apoio que tinha da autoridade.

- Eu copiei de um livro. – respondeu. – Todos os nossos livros têm a mesma figura da família. Pode ver. Todo mundo fez o mesmo desenho. Pode perguntar à professora amanhã. Ela bem gostou, *tá*?

Desesperada, a menininha já não tinha outro argumento.

- E você? Onde está você no desenho? – perguntou a mãe, agora profundamente alterada. – Onde estamos nós? É esta a família que você gostaria de ter? Você não nos quer mais? Quer ser uma *mem-sahib*, uma menina branca?

Ao mesmo tempo em que bombardeava a filha com aquelas perguntas, a mãe se arrependia de fazê-las. Percebeu que sua reação fugia/escapava à compreensão da criança/menina. Sentiu que tudo aquilo era injusto. Lamentou estar colocando tamanho fardo sobre ombros tão jovens.

“Primeiro, eu a trago para cá”, pensou ela, “e depois tento fazer com que se sinta culpada por querer ser igual aos outros”. No entanto, algo a afligia naquela noite. A ideia de perder a filha a apavorou, o desespero e a culpa a levaram a proferir palavras de que se arrependeu, e ela olhou com ódio para sua única filha, que parecia querer ser branca, que havia rejeitado a mãe de pele escura. Um dia, aquela menina teria vergonha dela, pensou; um dia, ela haveria de entrar para o mundo daqueles outros. Um dia, seriam inimigas. Pensamentos confusos lhe passaram pela cabeça como imagens numa tela de televisão fora de controle, em cujo caos ela ouviu a justificativa cabal vinda da própria filha: eles queriam que eu desenhasse a família, não queriam?

“Eles” queriam que “ela” desenhasse “a família”. O modo com que a filha havia pronunciado as palavras “eles” e “a família” indicava que a menina sabia do que estava falando. O simples pronome “eles” significava autoridade para aquele mundo lá fora, descontrolado e, ao mesmo tempo, organizado, do qual a escola se constitui a mais alta expressão. Aquilo tudo cercava o espaço privado daquela família. “Eles” tinham poder, “eles” podiam, a hora que bem quisessem, esmagar gente de seu tipo – gente simples - e no mundo “deles” aquela era a imagem da família. Não fazia a menor diferença se a mãe gostava daquela imagem/gravura, tampouco se a menina compartilhava qualquer semelhança com a criança ali representada. Sim, aquele era o retrato verdadeiro. Enquanto aqueles pensamentos lhe passavam pela cabeça, seu ódio arrefeceu. Deixando de lado a fúria e a distância, a mãe curvou a cabeça em direção à imagem da família e caiu em prantos.

- O que será de você? – disse ela. – O que fiz com você?

Ela chorou muito e disse uma série de coisas incoerentes. A menininha era paciente e, em silêncio, foi absorvendo a mudança de humor da mãe. Trazendo no rosto uma expressão atenta, ela roía as unhas de quando em vez. Não contestou mais, tampouco chorou. Depois de um tempo, a mãe a pôs na cama, agasalhou-a e sentou-se na cozinha com a temerosa imagem da filha sempre do lado de fora da janela da família loura, nunca como protagonista de sua própria vida, sempre rejeitando a si mesma, sua vida transformada num imenso *peep show*. Chorou ressentida, porque foi ela que havia causado toda aquela destruição, porque o próprio pavor da rejeição a fizera odiar a filha e porque havia plantado na menina a semente da culpa.

Quando a mãe foi se deitar, a menina, que já estava esperando havia um bom tempo, levantou-se. Cruzou o corredor na ponta dos pés, passou pela fileira de calçados, pela silenciosa reunião de sobretudos, pelo espelho de superfície ondulada e entrou no banheiro. Atrás da porta, havia um outro espelho, de corpo inteiro e de imagem nítida. Deliberada e lentamente, a menina tirou a parte superior do pijama e observou a si mesma com extrema atenção. Observou o tom escuro de sua pele, os olhos grandes que olhavam fixamente, o cabelo negro agora desalinhado pelo travesseiro, a cicatriz no nariz e o rosa amarronzado da boca. Ficou ali por algum tempo, perdida naquele ato de contemplação, até que o som de passos acolchoados se aproximou da porta e uma

carinha de bigodes fininhos apareceu pela porta entreaberta. Ela se curvou, pegou o gato e voltou para o quarto.

Estava nevando de novo e pequenos elfos com casacos de cores chamativas e botas cobertas de neve voltaram à sala de aula. Depois de pendurados os casacos nos ganchos devidamente identificados por nomes e guardadas cuidadosamente todas as botas, a menininha se aproximou da professora. A menina segurava o desenho que havia feito no dia anterior.

- Eu trouxe de volta.

- Por quê? – perguntou a professora. – Não gosta mais dele?

A menininha olhava ao redor atentamente.

- É que ainda não terminei. – respondeu. – Faltava uma coisa nos livros que eu olhei. Posso terminar agora?

- Claro que sim. – disse a professora indo buscar os lápis de cor no armário.

A menininha olhava para a sala. Estava cheia de crianças de todas as cores, de todos os formatos de nariz e de diferentes cores de cabelo. Sentou-se no chão, colocou o desenho incompleto sobre um pedaço de jornal e começou a pintar. Passou um bom tempo executando a tarefa – e com muita concentração. Finalmente, terminou. Ela novamente se dirigiu à professora.

- Agora terminei. – disse ela. – Desenhei o resto.

A professora pegou o desenho e colocou-o sobre a mesa. Lá estava a família loura arrumada num semicírculo com um vão no meio, mas, ao lado deles, havia um outro grupo – um homem, uma mulher e uma criança, mas tinham a pele escura, cabelo escuro, a mulher vestia roupas típicas de seu próprio país, e a menininha tinha uma cicatriz no nariz.

- Gostou?

- Quem são? – perguntou a professora, embora talvez já soubesse. A garotinha, porém, não se importou em responder à pergunta.

- Esta é a outra família.

Data de envio: 15 de maio de 2014
Data de aprovação: 22 de julho de 2014
Data de publicação: 15 de setembro de 2014